

Memória da Reunião do Fórum do Stricto Sensu Fiocruz

Dia 15 de maio de 2022 – Realizada pela Plataforma Zoom¹

SUMÁRIO EXECUTIVO

Realizou-se no dia 15/05/2023, no horário das 14h30 às 16h30, a primeira reunião do Fórum do Stricto sensu Fiocruz do ano, de modo virtual (Plataforma Zoom), contando com a participação de 64 pessoas. **Lista de presença anexa.**

A reunião foi conduzida pela Coordenadora Adjunta do Stricto Sensu (CSS), Eduarda Cesse, acompanhada pela Coordenadora Adjunta do Lato Sensu (CLS), Isabella Delgado Fernandes.

Abertura

A coordenadora adjunta do Stricto Sensu (CSS), Eduarda Cesse, iniciou esclarecendo que essa é a 1ª reunião do Fórum Stricto Sensu (SS) Fiocruz em 2023, cuja pauta é a preparação para a avaliação quadrienal do ciclo, que já está na metade. Ela menciona que apresentará os objetivos da reunião e realizará uma rodada de apresentações, para que todos possam conhecer melhor os participantes do processo. Em seguida, serão realizadas algumas apresentações.

A primeira apresentação será sobre a síntese dos resultados da avaliação da CAPES dos programas oferecidos na Fiocruz. Eduarda lembra que foi realizado um Google Forms e que será apresentado o resultado dessa consulta sobre o status do processo de autoavaliação e planejamento dos programas Stricto Sensu da Fiocruz. Também será discutida uma proposta da CGE, em conjunto com o Grupo de Apoio ao Desenvolvimento Institucional da Educação (GADIE), direcionada aos programas nesse ciclo em andamento. Após as apresentações, haverá espaço para discussões.

Dando continuidade, Eduarda esclarece que a coordenadora Geral de Educação, Cristina Guilam, e a vice-presidente de Educação, Informação e Comunicação da Fiocruz, Cristiani Vieira Machado, não poderão permanecer durante toda a tarde, pois precisam viajar para um evento em Rondônia. Ela, então, passa a palavra para a Cristiani.

Cristiani afirma que o ano de 2023 teve um início bastante intenso, com o novo governo e a nova ministra da saúde, que também é ex-presidente da Fiocruz, assumindo em janeiro. Além disso, destaca as eleições do novo presidente da instituição, Mário Moreira, cuja posse formal ocorreu na última sexta-feira. Ela explica que o Fórum de Stricto Sensu não tem uma periodicidade predefinida, mas geralmente ocorre pelo menos duas vezes por ano, reunindo os coordenadores de stricto sensu e os vices de ensino em geral. O objetivo do fórum é discutir temas relevantes para o stricto sensu.

Eduarda assegura que a equipe do Stricto Sensu já estava planejando essa reunião desde que saiu o resultado da avaliação quadrienal da CAPES. Ela informa que a Fiocruz teve um desempenho muito bom na avaliação, com vários programas obtendo notas mais altas. Além disso, houve reconhecimento pelo trabalho realizado nos diferentes programas.

Eduarda ressalta que o modelo de avaliação vem passando por ajustes e que há críticas contundentes a esse modelo. No entanto, ele está inserido dentro de uma política pública de avaliação por pares, com diretrizes relevantes para a pós-graduação no país.

Eduarda agradece a presença dos coordenadores de pós-graduação e dos docentes que participaram da avaliação quadrienal, reconhecendo o trabalho árduo desse processo. Ela destaca a importância de chamar os avaliadores para conversar e discutir com os coordenadores dos programas sobre o processo de avaliação, que vai além da nota, identificando pontos fortes, fragilidades e desafios a serem enfrentados. Isso proporciona elementos para fortalecer os programas, melhorar os processos pedagógicos e oferecer incentivos e apoio aos estudantes.

A ideia central da reunião, segundo Eduarda, é promover o compartilhamento de experiências entre os avaliadores e os coordenadores nas diversas áreas do conhecimento, como medicina e saúde coletiva. Essa troca enriquecedora de experiências será fundamental para enfrentar os desafios nos próximos anos.

A coordenadora geral de Educação, Cristina Guilam, ressalta que Cristiani já abordou muito bem o objetivo da reunião e gostaria apenas de mencionar a questão da autoavaliação. Ela revela que já foi coordenadora de programa e sabe que a Fiocruz pratica a autoavaliação há algum tempo. Frente aos resultados da avaliação quadrienal sobre os PPgs da Fiocruz, a importância da autoavaliação e do planejamento se torna cada vez mais evidente. Ela reafirma o compromisso da VPEIC em apoiar os programas tanto na avaliação quanto no compartilhamento de experiências.

Cristina agradece não apenas aos docentes que fizeram parte dos comitês de avaliação e aos coordenadores de programa, mas também aos membros do GADIE, um grupo assessor da CGE que desempenha um papel fundamental no planejamento educacional, não apenas no âmbito do *Stricto Sensu*, mas em todas as outras atividades educacionais da instituição.

Por fim, ela lembra uma ação relevante para que todos os programas incluam em seus próximos documentos de avaliação, que é a aprovação da Política de Apoio ao Estudante (PAE). Essa política representa um passo político-institucional fundamental para a Fiocruz, no sentido de aprimorar as relações com os estudantes e promover a inclusão. Ela destaca que recentemente foi encerrada a segunda edição do auxílio permanência e expressa gratidão a todos os programas e secretarias acadêmicas envolvidos no processo de captação, seleção e apoio aos candidatos, reconhecendo o trabalho e a dedicação envolvidos.

Eduarda Cesse (CGE/VPEIC)

Eduarda agradece as palavras de Cristiani e Cristina e inicia os pontos da reunião conforme descrito anteriormente. Ela lembra que o objetivo central é ter o apoio dos pesquisadores que foram avaliadores na quadrienal, no último ciclo, para auxiliar os programas. Caso seja necessário, eles poderão contribuir no processo de autoavaliação, planejamento estratégico e discussões coletivas. Eduarda reconhece que os programas estão em diferentes estágios de desenvolvimento.

Eduarda solicita uma breve apresentação do GADIE, da equipe de gestão interna da CGE e dos pesquisadores da Fiocruz que foram avaliadores no último ciclo. Eles foram previamente convidados para apoiar o processo que falta um ano e meio para ser concluído nas respectivas áreas de coordenação de programas.

Após as apresentações, ela destaca a presença de 22 avaliadores da Fiocruz na última quadrienal, e que a ampliação do quadro de avaliadores representa um grande avanço em termos de reconhecimento do processo de avaliação. Isso ocorreu devido a uma portaria da CAPES que proibiu a participação de coordenadores de programas ou ex-coordenadores no processo de avaliação. Como resultado, houve um aumento significativo de avaliadores pela primeira vez, proporcionando à Fiocruz uma equipe maior de pessoas que passaram por esse processo. Destes 22 avaliadores da Fiocruz, 15 atenderam a nosso chamado. E com estes nos reunimos para solicitar seus apoios.

Eduarda ressalta que a reunião recente do GADIE e da Coordenação Geral de Educação foi realizada para solicitar o apoio desses avaliadores em suas respectivas áreas, caso algum programa precise de suporte. A participação dessas pessoas mostra o reconhecimento da importância de estarem envolvidas nessa fase final do ciclo de avaliação, que ainda resta um ano e meio. Ela enfatiza que o tempo passa rápido, com etapas como preenchimento da plataforma e abertura para ajustes. Ter esse grupo engajado e alinhado com o processo de avaliação dentro da Fiocruz é crucial, considerando que há cerca de 50 programas de pós-graduação com desempenho muito positivo.

Eduarda explicou que o objetivo da reunião era apresentar um panorama breve da pós-graduação stricto sensu da Fiocruz após o resultado da quadrienal, considerando também o período de pós-reconsideração. O objetivo era estimular e subsidiar as ações de autoavaliação e planejamento estratégico dos programas, visando a sustentabilidade da excelência da pós-graduação da instituição.

Ela mencionou as mudanças importantes no processo de avaliação ao longo dos últimos quadriênios, com a redução do número de quesitos avaliados. Também destacou a importância do preenchimento correto e completo da plataforma Sucupira para garantir uma avaliação adequada.

Eduarda apresentou os resultados da avaliação, mostrando que houve um aumento expressivo no número de programas com notas mais altas. No caso dos programas acadêmicos, houve um aumento significativo na quantidade de programas com notas 5, 6 e 7. Nos programas profissionais, também houve um desempenho positivo, com a maioria dos programas obtendo notas 4 e 5.

Ela mencionou que a Fiocruz possui atualmente três doutorados profissionais e ressaltou a importância do crescimento desses programas. Apesar dos desafios impostos pela pandemia, a instituição conseguiu oferecer apoio aos alunos, o que contribuiu para uma avaliação positiva.

Eduarda destacou a importância do apoio do GADIE e das políticas de apoio aos estudantes para o bom desempenho dos programas. Ela mencionou a necessidade de realizar a autoavaliação e o planejamento estratégico nesse segundo quadriênio, e ressaltou a importância dos instrumentos de avaliação, como a pesquisa de egressos.

No final, ela mencionou que está prevista uma nova rodada de pesquisa de egressos em 2024 para alimentar o relatório do próximo quadriênio.

Isabella Delgado (CGE/VPEIC)

Isabella começou mostrando uma matriz que é importante lembrar, pois é o artigo 27 da Portaria 122/2021, que continua em vigor. Essa matriz é crucial para o planejamento dos programas, pois possui restrições. No quesito 2, que é formação, é necessário obter uma pontuação muito boa (MB) para uma ascensão do programa. Por exemplo, um programa que deseja subir de 4 para 5 deve ter

obrigatoriamente uma avaliação MB no quesito 2. Ele pode ter uma avaliação B na proposta ou no impacto social, mas na formação precisa ser MB. O mesmo se aplica a programas que desejam subir de 3 para 4, sendo esse o ponto crítico.

A matriz de conceitos e notas é lembrada, mas ainda não se sabe se a portaria continuará em vigor. Haverá um seminário de meio termo nos próximos meses para obter informações das áreas. Essa matriz de conceitos e notas é essencial para alcançar determinada norma, pois envolve combinações específicas de conceitos entre os três quesitos.

A apresentação busca destacar alguns aspectos encontrados nas fichas dos programas que mantiveram sua nota no último quadriênio. Foram mostrados quatro programas que mantiveram a nota 6, todos nas áreas de medicina e saúde coletiva. Dois desses programas pediram reconsideração, e os principais aspectos destacados pela CAPES para a manutenção do conceito 6 foram apresentados na coluna intermediária do quadro do slide. No entanto, houve uma indicação de que a escolha dos destaques não foi a melhor, com uma predominância excessiva de artigos científicos. A qualidade dos dados também foi mencionada como um elemento que prejudicou a avaliação desses programas.

Em relação aos programas que mantiveram a nota 5, foram identificados quatro deles, nos quais as principais questões levantadas nas fichas de avaliação foram a produção discente e a formação discente, além do baixo intercâmbio internacional. Um dos programas recebeu críticas em relação ao site e à presença de apenas um idioma. A ausência de projetos integradores entre as linhas de pesquisa e as áreas de concentração dos programas também foi apontada como uma fragilidade.

Dos quatro programas que mantiveram a nota 5, três deles solicitaram reconsideração. Um desses programas obteve sucesso e conseguiu subir para a nota 6 após o período de reconsideração. Já os programas que mantiveram a nota 4 foram três, e as principais fragilidades apontadas nas fichas de avaliação foram relacionadas às barreiras regionais, distribuição insatisfatória de dissertações e teses entre as pesquisas, e baixa internacionalização.

Foi mencionado que apenas um programa obteve nota 3, na área de saúde coletiva, e nesse caso foram identificados elementos do quesito um que precisam ser melhorados, como a falta de um diagnóstico detalhado do planejamento estratégico do programa, integração insuficiente com o PDI da instituição e fragilidade no processo de autoavaliação. Esse programa não solicitou reconsideração.

Dois programas foram rebaixados, um de nota 7 para 6 e outro de nota 4 para 3, ambos na área de medicina. Ambos pediram reconsideração, e apenas o programa que caiu de 4 para 3 conseguiu reverter a nota durante esse processo.

Em relação ao balanço dos programas profissionais, cinco mantiveram a nota 4, todos na área de saúde coletiva. O principal aspecto apontado nas fichas de avaliação foi a fragilidade na formação, que apareceu com certa frequência. Essa questão será trabalhada juntamente com os programas. Também foram mencionadas questões relacionadas ao planejamento estratégico e à baixa produção intelectual tanto de discentes quanto de egressos, ou seja, questões ligadas à formação.

Em seguida, Isabella apresentou os erros identificados nas fichas de avaliação, muitos dos quais resultaram em pedidos de reconsideração. Houve casos em que o consultor não observou elementos presentes na coleta, como um programa participante do PRINT que recebeu uma avaliação negativa no quesito internacionalização. Também foram encontrados erros na atribuição de conceitos a determinados itens da ficha, com avaliações positivas ou negativas inconsistentes. Em alguns casos, o

consultor avaliou erroneamente um item com base em informações incorretas, como visitar o campus virtual da Fiocruz em vez do site do programa. Além disso, em alguns pareceres, não ficou claro o motivo da nota final.

Foi apresentado um balanço dos consultores da Fiocruz que participaram da avaliação quadrienal, sendo um total de 22 pessoas. Essas informações serão resgatadas para análise das avaliações dos destaques, produção tecnológica, país e livros, bem como nos processos intermediários. No último quadriênio, houve quatro pedidos de reconsideração, e duas dessas áreas tinham pessoas da Fiocruz na coordenação.

Isabella concluiu resumindo as informações apresentadas, ressaltando a importância do planejamento coletivo e do apoio às ações transversais institucionais. Ela destacou que a Fiocruz conta com ferramentas como estudo de egressos, PDI, processos de autoavaliação, entre outros, e mencionou a possibilidade de intercâmbio entre programas e áreas como uma forma de compartilhar informações e experiências positivas. O desempenho dos programas, tanto acadêmicos quanto profissionais, foi destacado como resultado do trabalho colaborativo e do apoio de toda a instituição.

Eduarda esclareceu que a apresentação já foi compartilhada anteriormente e que houve uma análise superficial das fichas dos programas para dar um panorama geral da situação da Fiocruz. Além disso, foi mencionado que houve uma consulta aos coordenadores dos programas e 15 deles participaram de uma discussão para apoiar o processo. Os dados preenchidos em um formulário do Google Forms foram sintetizados para a autoavaliação e planejamento dos programas institucionais da Fiocruz, que serão apresentados por Mariana.

Mariana Souza (GADIE/Farmanguinhos)

Mariana explicou que recebeu muitos questionamentos sobre o GADIE e decidiu esclarecer sua função. Ela explicou que o GADIE é o Grupo de Acompanhamento do Desenvolvimento Institucional da Educação, formado pela equipe que elaborou o Plano de Desenvolvimento Institucional da Educação (PDIE). Esse grupo é responsável por acompanhar a implementação do plano na Fundação.

Em seguida, Mariana iniciou a apresentação explicando o objetivo específico do formulário, que era analisar o andamento do planejamento da autoavaliação, levando em consideração os desafios da internacionalização no período de 2021 a 2024. Além disso, ela mencionou um objetivo secundário, que é fornecer dados para auxiliar individualmente os cursos por meio da CGE (Coordenação-Geral de Educação).

Foi disponibilizado um questionário com 47 perguntas para os cursos, dividido em blocos, abordando temas como dados gerais, planejamentos dos cursos, autoavaliação, internacionalização e disciplinas transversais. Cerca de 50% dos cursos stricto sensu (pós-graduação) responderam ao questionário, totalizando 25 cursos. A possibilidade de reabrir o questionário para aqueles que não responderam está sendo considerada, pois algumas perguntas podem fornecer um diagnóstico relevante e preparar a CGE para auxiliar os cursos.

Mariana começou a apresentação informando que seria longa, devido aos 47 gráficos correspondentes às 47 perguntas. Ela compartilhou um dado inicial que mostrou que 44% dos coordenadores não participaram do preenchimento do questionário, o que pode dificultar a continuidade do processo. No entanto, destacou que 88% dos representantes dos cursos que

responderam ao questionário serão os mesmos que preencherão a avaliação quadrienal no próximo ano, o que é um ponto positivo para o trabalho de base.

No próximo slide, foi apresentada a pergunta sobre o treinamento de Sucupira, que indicou que alguns coordenadores participaram, mas a maioria não. Houve algumas perguntas abertas para aqueles que responderam, abordando o treinamento para a secretaria. Mariana ressaltou que os treinamentos oferecidos são abertos a todos na comunidade dos cursos, mas é importante entender que a responsabilidade pelo preenchimento é do coordenador. A parte da proposta deve ser preenchida pelo coordenador, e não pode ser atribuída às secretarias. Portanto, é crucial que todos estejam envolvidos nos treinamentos de Sucupira, mesmo que sejam oferecidos tópicos específicos.

Em relação à discussão dos documentos da área com os docentes, 84% dos cursos responderam que sim, seja de forma total ou parcial. Durante a reunião com os avaliadores, foi destacada a importância de toda a comunidade estar familiarizada com esses documentos. Três documentos foram mencionados especificamente: ficha de avaliação, relatório quadrienal do curso (recebido pelos coordenadores no final do ano passado) e relatório da avaliação quadrienal da área (disponível no site da Capes da área). É essencial que toda a comunidade esteja bem-informada sobre esses três documentos.

Mariana conclui que esses dados indicam um bom cenário para a criação de estratégias de apoio aos cursos. Em relação às perguntas sobre a ficha de avaliação, foram divididas em níveis de desafio. Ao analisar os gráficos, percebe-se uma distribuição de níveis de desafio, tanto vertical quanto horizontalmente. O amarelo foi usado para representar a densidade das respostas, indicando que quanto mais amarelo, mais desafiador é para o curso.

Foi observado que a autoavaliação e o planejamento estratégico são grandes desafios para todos os cursos, correspondendo aos itens 1.3 e 1.4 da ficha de avaliação. No entanto, 52% dos cursos indicaram que o perfil do corpo docente não é tão desafiador, e 64% dos cursos consideram a articulação, aderência e atualização da área de concentração como um desafio. Ao analisar horizontalmente, percebe-se que cada curso tem suas próprias dificuldades e elas geralmente se concentram em determinadas áreas. O mesmo padrão ocorre no item 2, relacionado à formação, onde cerca de 68% dos cursos demonstram preocupação média ou alta em todos os itens da ficha 2. Esses resultados corroboram o comentário anterior de Isabela de que a parte 2 é uma área sensível da ficha.

No item 3, relacionado ao impacto social e internacionalização, observa-se uma distribuição similar, com todos os cursos demonstrando preocupação em níveis médio e baixo. É importante avaliar se a internacionalização é adequada para cada programa no momento ou se é algo que deve ser preparado para o futuro. Também é necessário considerar se a internacionalização é uma proposta do curso, pois nem todos os cursos profissionais veem isso como parte de sua missão. Essa parte requer uma abordagem cuidadosa, sem colocar todos no mesmo patamar.

De acordo com Mariana, os critérios para seleção de destaques no quadriênio anterior foram definidos pela coordenação, e algumas comissões específicas também foram responsáveis por essa escolha. A falta de critérios claros impactou negativamente nos cursos, e é algo que precisa ser trabalhado para o próximo quadriênio.

A maioria dos cursos afirmou que o planejamento está sendo colocado em prática, e um grupo de profissionais, como a CPG ou uma comissão específica, é responsável por acompanhar esse

planejamento. No entanto, há cursos que não acompanham o planejamento ou que têm apenas a coordenação ou a secretaria como responsável.

Quanto à periodicidade do planejamento, alguns cursos estabeleceram intervalos definidos, enquanto outros não têm uma regra específica. A avaliação também está relacionada ao planejamento, e a maioria dos cursos realiza avaliações anuais ou a cada 2 ou 4 anos.

Metade dos cursos afirma ter um processo bem descrito de avaliação, e a maioria possui uma comissão de autoavaliação. No entanto, apenas alguns cursos já iniciaram o processo de autoavaliação.

A maioria dos cursos afirma que os resultados da autoavaliação estão sendo usados para repensar o planejamento. Muitos cursos consideram que a CGE pode ajudar tanto na organização do planejamento quanto no acompanhamento da autoavaliação.

Em relação à internacionalização, a maioria dos cursos conhece ações coordenadas pela VPEIC que estimulam a internacionalização, indicando que a informação está chegando. Alguns cursos possuem um setor específico para lidar com assuntos de internacionalização, o que facilita o processo.

No programa PRINT, a maioria dos cursos submeteu propostas de doutorado sanduíche no exterior. No entanto, houve baixa adesão em outras oportunidades, como pesquisador visitante no exterior, pesquisador visitante no Brasil e capacitação no exterior.

Quanto às iniciativas propostas pela VPEIC, a comunicação das oportunidades de bolsa ou edital no exterior está chegando aos cursos. No entanto, a adesão às iniciativas tem sido baixa, e há diferentes razões para isso, como cursos recentes sem tempo suficiente, programas profissionais com restrições, idioma estrangeiro e falta de doutorado no curso.

Os desafios para implementar ações de internacionalização incluem a falta de conhecimento sobre como proceder, domínio de língua estrangeira, dificuldade de aderir a ações e falta de parceiros no exterior. Outras dificuldades mencionadas incluem o processo demorado, dificuldades administrativas com idioma e desinteresse pelo valor da bolsa.

A falta de resultado não foi mencionada como um problema, indicando que todos os cursos reconhecem a importância da internacionalização. Alguns cursos têm dificuldade em participar devido ao seu perfil ou à falta de financiamento específico, como cursos profissionais ou cursos apenas com mestrado.

Enirtes Caetano (ENSP)

Informou ter preocupação em relação ao processo que observei. Falou que houve momentos diferentes em que esteve envolvida: no preenchimento do relatório como coordenadora, no fechamento do quadriênio e agora na vice de ensino; que percebe que os docentes, pelo menos na experiência dela, não estão familiarizados com as decisões e mudanças ocorridas ao longo do processo. Muitas decisões foram negociadas, inclusive no curso que é docente, que esta na área de saúde coletiva. Acredita que devemos iniciar o preenchimento o mais cedo possível, pois existem muitas etapas envolvidas, incluindo a própria seleção, que demanda muito tempo.

Ressalta que é importante ter essa troca com os avaliadores, pois eles trazem uma perspectiva diferente. No entanto, acredita que mesmo que o preenchimento não seja perfeito, é necessário iniciá-lo o quanto antes. A Fiocruz pode aprender muito com esse processo de preenchimento em

cada uma das áreas. A troca entre programas é valiosa, pois cada um está em um estágio diferente de amadurecimento e tem suas próprias particularidades a serem respeitadas.

Os coordenadores atuais certamente lerão o relatório completo e observarão a avaliação. A contratação de pessoas externas pode ajudar, mas internamente também temos experiência valiosa que pode contribuir para o preenchimento. Sugiro que haja um grupo de pessoas envolvidas no preenchimento, pois não é uma tarefa simples, envolvendo seleção, leitura de teses e organização de todo o processo.

É um desafio de aprendizado, mas vale a pena. A presença da Câmara técnica tem sido fundamental, proporcionando aprendizado contínuo e compartilhamento de experiências. Devemos valorizar e buscar momentos de troca, respeitando a autonomia de cada programa. A responsabilidade é grande, e a tarefa não é fácil.

Débora Dupas (Fiocruz MS)

Primeiro, gostaria de agradecer, o relatório foi muito útil. No período anterior, eu estava assumindo a coordenação, depois de ter sido vice. O trabalho com a CGE ajudou bastante na elaboração do planejamento estratégico e na autoavaliação. Gostaria de saber se, desta vez, também teremos o trabalho com os egressos, se haverá distribuição de formulários para nos auxiliar.

Outro ponto que chamou bastante atenção no relatório do meu programa foi a internacionalização, que é uma área em que temos falhas evidentes. Apesar disso, obtiveram nota 6 e isso está sendo bastante cobrado. Gostaria de saber quais medidas estão sendo pensadas para nos ajudar a fortalecer esse aspecto.

Roberta de Freitas (Fiocruz Brasília)

Primeiramente, gostaria de agradecer por todas as oportunidades que tivemos de nos conhecer e compartilhar experiências com os outros programas. Essa troca tem sido extremamente valiosa e nos faz sentir incluídos como programa dentro da instituição.

Gostaria de retomar dois pontos importantes. O primeiro é sobre a expectativa de apoio relacionado à internacionalização, algo que foi mencionado pela professora que me antecedeu. No caso do meu programa, que é voltado para profissionais, enfrentamos desafios nessa área e gostaria de saber quais medidas estão sendo pensadas para fortalecer esse aspecto.

Outro ponto que gostaria de abordar está relacionado à autoavaliação. Tenho tido conversas com colegas da Universidade de Brasília (UnB) e conhecido algumas experiências de lá que podem ser interessantes para compartilhar. Recentemente, fiquei sabendo que o Decanato de Pós-Graduação da UnB criou um sistema paralelo ao da Capes, no qual os resultados dos programas são analisados e são produzidos relatórios prévios dessa avaliação. Acredito que essa experiência poderia ser explorada ou ao menos conhecida, já que não temos uma cooperação estabelecida com essas instituições.

Além disso, gostaria de mencionar a questão dos relatórios de pós-graduação aos quais gostaríamos de ter acesso. Recebi um relatório desse tipo de um outro programa ao qual estou vinculada na Universidade de São Paulo e fiquei curiosa para entender melhor. Recentemente, recebemos um e-

mail informando que esses relatórios estariam disponíveis para acesso, mas até o momento não consegui acessá-los pelo link fornecido. Estou em contato com a pessoa responsável para esclarecer essa questão e entender qual seria o caminho mais adequado para obter esses relatórios.

Rondinelli Mendes da Silva (ENSP)

Gostaria de comentar algumas coisas importantes levantadas até agora. Sou coordenador do programa de saúde pública na ENSP. Concordo com a sugestão da Roberta de utilizar a estrutura de avaliadores para criar um laboratório interno de avaliação. A ideia da UnB também é interessante.

Um dos pontos que gostaria de abordar é a questão da internacionalização. Ao responder ao relatório de internacionalização, percebo que as informações são fragmentadas. Precisamos de uma forma mais integrada para coletar e consolidar esses dados, evitando perdas e esquecimentos. É importante definir claramente o que significa internacionalização e quais ações podem ser consideradas como tal. Temos incentivado a participação de bancas de estrangeiros e a realização de cursos internacionais, além de emitir declarações para alunos em programas de doutorado sanduíche. No entanto, precisamos de uma visão mais abrangente e agregada dessas ações.

Outra questão é a dificuldade na organização das informações, especialmente no que diz respeito ao sistema E-Lattes e à migração de dados. Precisamos de um processo mais eficiente e automatizado para acompanhar a produção docente, discente e de egressos, a fim de reduzir o trabalho manual. É importante reforçar essa necessidade junto à CAPES.

Além disso, estou preocupado com a execução do planejamento estratégico. Temos um bom planejamento, mas nem tudo está sob nosso controle na hora de colocá-lo em prática. Isso pode afetar a avaliação e não está claro se precisaremos criar um novo relatório ou se será uma revisão do que já foi feito.

Viviane Deberge (ENSP)

Gostaria de aproveitar o gancho da fala da Mariana sobre treinamentos e reforçar a importância da presença dos coordenadores nesses treinamentos. A Secretaria é o apoio, mas a coordenação precisa conhecer a ferramenta para melhor preenchimento e compreensão das possibilidades. Portanto, é fundamental que todos estejam presentes nas reuniões de treinamento.

Também gostaria de abordar o assunto do E-Lattes. Estamos finalizando os testes no Relatei, uma ferramenta que traz um detalhamento extenso de produções, gerando gráficos e auxiliando na alimentação da plataforma Sucupira, assim como em outros dados de credenciamento. Em breve, faremos uma apresentação para os coordenadores, secretárias e vice-diretores sobre essa nova ferramenta.

Outra novidade é o Sucupira 2.0, uma nova plataforma que será lançada em breve. Durante um período, utilizaremos as duas versões, mas a previsão é que a nova Sucupira seja lançada antes do encerramento do quadriênio. Com essa nova versão, a migração de produção docente e o preenchimento manual serão facilitados, pois haverá vinculação com ORCID, permitindo a busca automatizada das bases de produção.

Os testes do Sucupira 2.0 serão realizados no segundo semestre deste ano, com algumas instituições piloto, e a Fiocruz estará na segunda etapa dos testes. A ideia é que a plataforma esteja em pleno funcionamento até o final do quadriênio.

Estou disponível para esclarecimentos e informações adicionais.

Kaori Kodama (COC)

É muito útil discutir conjuntamente e sob diferentes perspectivas, considerando a variedade de programas existentes. Tenho algumas dúvidas e questões não resolvidas relacionadas à criação de mecanismos de autoavaliação para a melhoria dos programas.

Na área da formação, temos 11 pós-doutorandos que são egressos do nosso programa devido à falta de concursos por um longo período. Isso traz desafios para a composição do corpo docente. Gostaria de ouvir mais sobre o conceito de endogenia e como isso se aplica à área de história, pois é difícil não colaborar com aqueles que formamos. Porém, temo que nossa produção seja vista como endógena, mesmo quando envolvemos egressos em artigos de destaque.

Outra questão importante está relacionada aos critérios para avaliar os destaques. Na última quadrienal, a composição da equipe responsável por acompanhar os destaques foi determinada pelos coordenadores e sua percepção das produções destacadas pelos docentes. Gostaria de saber se estão desenvolvendo diretrizes para orientar a composição dessa equipe. Também surgem dúvidas sobre como definir uma comissão interna ou externa para esse acompanhamento e como abordar os destaques de produção técnica ou tecnológica na área de história.

Se possível, gostaríamos de apoio e orientação sobre esses esclarecimentos, pois estamos discutindo no fórum da nossa área. Além disso, como podemos estruturar uma comissão para acompanhar a autoavaliação? Essa é uma questão crucial.

Monique Brandão (CGE/VPEIC)

Gostaria de contestar alguns pontos relacionados à plataforma Sucupira e mencionar que estamos trabalhando diretamente com o SIEF. Já estamos em conversa com a CAPES para integrar nossa SIEF com Sucupira. Além disso, o CR irá contribuir na emissão de relatórios, não apenas para a produção, mas também para dados de discentes e trabalhos de conclusão. Estamos planejando lançar a pesquisa de egressos no segundo semestre através do SIEF.

Sobre a adesão ao SIEF, os programas interessados podem enviar um e-mail para a CGE para marcar uma reunião de atualização e receber informações adicionais.

É esse conjunto de questões que foram levantadas que nem todas a gente tem resposta, mas a gente tem disposição de encontrar respostas juntos. Acho que isso é o mais importante. É nesse contexto que a gente se apoia. Outra coisa é que o próprio grupo de acompanhamento, o PDIE (Programa de Desenvolvimento de Inovação e Ensino) liderado pelo GADIE (Grupo de Apoio à Direção de Ensino) tem tido essa postura de apoio desde o final do ano passado, antes mesmo da avaliação quadrienal. A gente estava ali, fazendo oficinas. A gente pretende dar continuidade a esse apoio. Por isso que a

gente está aqui. Vamos apresentar uma proposta, e eu vou deixar a parte dos egressos para Isabella falar, porque ela está conduzindo essa questão.

Eduarda Cesse (CGE/VPEIC)

Entendo que os Padrões de Internacionalização precisam ser analisados dentro dos nossos programas. Um sinal é o PRINT, que é o programa de internacionalização. Nem todos os programas da Fiocruz estão presentes porque na época em que ele foi aprovado, havia um pré-requisito de que os programas tivessem pelo menos nota 5, 6 ou 7. Alguns não tinham e estamos preocupados com o fato de que mesmo aqueles programas que não estão no PRINT não têm aproveitado de forma adequada as oportunidades, como a autorização de bolsas PDSE (Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior). Tivemos uma perda de 11 bolsas. Não preenchemos nossas cotas, e isso mostra que precisamos investir mais na internacionalização, o que não é uma tarefa fácil.

Nosso próprio programa tem ações internacionais, como receber pós-docs e encaminhar nossos docentes para pós-docs, além de fazer cursos internacionais. É importante analisar como nosso corpo docente e discente está se movimentando nesse campo internacional, que é uma necessidade de toda a pós-graduação, independentemente da nota. Porém, para galgar um nível de internacionalização de excelência, como os cursos 6 e 7, cada programa precisa verificar sua missão, pois pode ser que não seja a missão de todos preencher um alto nível de internacionalização. Isso também é verdadeiro para os programas profissionais, que até pouco tempo atrás não tinham a internacionalização contabilizada. Agora conta, e precisamos definir para onde queremos ir e o que esperamos do nosso corpo docente.

A avaliação que fizemos de todas as fichas, por mais rápida que tenha sido, nos deixou claro que, mesmo com os investimentos feitos antes da pandemia, ainda há áreas que apostaram mais na instrumentalização dos programas em relação ao planejamento estratégico e à autoavaliação. A identificação de casos de destaque e sucesso nem sempre está relacionada diretamente com uma publicação de alto impacto ou um qualis extraordinário. Uma coisa não está necessariamente ligada à outra. Precisamos avaliar o que cada egresso contribuiu para impactar a sociedade, levando em consideração o destino desses egressos e suas mudanças de posição. Isso tem uma característica.

Isabela Delgado (CGE/VPEIC)

Isabela apresenta a discussão sobre a realização de um novo Survey de egressos para os programas de pós-graduação da Fiocruz, que abrangerá o período de 2013 a julho de 2024. Também destaca a importância da participação dos programas no seminário de meio termo e enfatiza a necessidade de compreender as expectativas em relação à ficha de avaliação, evitando mudanças significativas nos itens. Além disso, menciona a importância de compartilhar experiências sobre internacionalização e aborda equívocos relacionados à endogenia e a documentos específicos de cada área de conhecimento.

Enquanto não conseguimos incorporar as variáveis do estudo de egressos no SIEF, devido à falta de participação de todos os programas de pós-graduação, temos o compromisso de realizar um novo Survey. Será o terceiro Survey de egressos para o conjunto de programas de pós-graduação da Fiocruz. Respondendo à pergunta levantada, acredito que tenha sido a Débora, iremos realizar o Survey em

2024, no meio do último ano do quadriênio. Dessa forma, poderemos alcançar os egressos do período de 2020 a julho de 2024. Isso nos permitirá abranger todo o período desde o nosso primeiro Survey, em 2013, até 2024.

Já estamos trabalhando nisso, com o apoio do GT e das pessoas que contribuíram nos dois surveys anteriores, como Sueli, Deslandes, Joviana, Liana, entre outros. Eles também nos apoiaram na análise dos resultados e na elaboração dos relatórios individuais enviados aos programas. Gostaria de saber quem estava na coordenação ou participou mais de perto da última avaliação. Cada programa recebeu um relatório dos egressos específico para seu programa. Pretendemos fazer da mesma maneira para encerrar esse quadriênio enquanto trabalhamos na incorporação das variáveis no SIEF. Essa é a primeira questão que eu gostaria de abordar.

Outro ponto importante é a participação deste grupo no seminário de meio termo. Vocês devem ter as datas do seminário, e as áreas já estão convidando e chamando para participar. É extremamente importante estar presente, especialmente para aqueles que são novos na coordenação. É o momento em que os programas têm contato com a coordenação de área e podem cancelar itens da ficha de avaliação. Concordo com Monique, acredito que não deve haver grandes mudanças na ficha em relação ao quadriênio passado.

No ano passado, enfrentamos um processo de judicialização devido ao princípio da anterioridade. Portanto, não acredito que teremos mudanças significativas nos itens e subitens. O que espero é um aprofundamento das questões já presentes na ficha. Se no quadriênio passado as áreas aceitavam que o processo de autoavaliação iniciasse nos programas, para 2024, as áreas esperam resultados desse processo. Além disso, em relação ao planejamento estratégico e à vinculação do planejamento com o PDI, que eram itens desejáveis no quadriênio passado por serem novidades na ficha, acredito que as áreas esperem uma maior maturidade dos programas no preenchimento desses itens e subitens.

A questão da internacionalização também é de extrema importância. Podemos compartilhar experiências com programas que já praticam a internacionalização e são exemplos de excelência. É crucial ter mais tempo para isso. Às vezes, me coloco no lugar de quem já coordenou um programa e tinha dúvidas sobre como realizar processos seletivos ou lidar com a chegada de alunos estrangeiros. Portanto, ouvir as experiências de outros programas e entender por que nossos estudantes não estão se interessando pelos editais abertos é fundamental para enfrentar essa questão.

Por exemplo, tivemos apenas 2 pedidos de alunos de doutorado para o edital de fluxo contínuo de bolsas de sanduíche, que oferecia 13 vagas. Precisamos entender o que está acontecendo para lidar com essa questão. Em relação à endogenia, percebo equívocos no Sucupira e às vezes no processo de avaliação. Dizer que um programa é endógeno porque publica em revistas da Fiocruz é um equívoco, uma vez que temos um conjunto de 9 revistas. Se não me engano, a endogenia ocorre quando um programa escolhe uma revista vinculada à unidade onde o programa está inserido.

No entanto, os consultores precisam compreender que a Fiocruz é uma instituição grande e nacional, com diversas revistas. Outro exemplo é quando um professor de uma universidade colabora com um dos programas da Fiocruz. Um avaliador interpretou isso como endogenia, mas não é, pois, esse professor é docente de uma universidade, antes de colaborar com o programa da Fiocruz. Portanto, quando identificarem essas questões, é importante que os programas as registrem no campo de

observações do Sucupira, para que sejam corrigidas no sistema. É uma oportunidade para melhorar o sistema, como já mencionado por Viviane.

Em relação aos documentos, é necessário compreender que existem aqueles que são comuns a todas as áreas, emitidos pela CAPES, e outros específicos de cada área. É fundamental conhecer o documento da área, os relatórios da última avaliação e as particularidades de cada área. Por exemplo, na área interdisciplinar, a coautoria é desejável. Um programa que não possui coautoria com orientação não será bem avaliado. No entanto, não tenho certeza se essa prática se aplica a todas as áreas. Cada área de conhecimento tem suas particularidades, inclusive nas Humanidades, onde há diferentes perspectivas em relação à autoria e coautoria.

Portanto, é importante ter uma visão geral, mas também entender o que é específico de cada área. Como temos programas em 13 áreas diferentes da CAPES, é essencial considerar essa diversidade. Por fim, é importante contar com a participação dos avaliadores em nossa aproximação com os programas. Eles têm conhecimento sobre as discussões e experiências bem-sucedidas em suas áreas. Conforme mencionado por Enirtes, eles podem compartilhar exemplos e contribuir para o planejamento de cada um dos nossos programas.

Mariana Souza (Farmanguinhos)

Muitos pontos da nossa pauta estavam em aberto, mas agora está tudo fechado. Deixe-me só dizer uma coisa: o link para o formulário Google Forms já está aberto novamente. Estará disponível para quem quiser, mas vamos esperar um pouco até o pessoal terminar de responder para que possamos fornecer os dados consolidados, especialmente em relação às perguntas abertas.

Então, temos uma proposta de realizar oficinas personalizadas, pois entendemos, como mencionei anteriormente e vocês também mencionaram nas discussões, que é necessário trabalhar dentro de temas específicos nos cursos. É difícil juntar um curso de farmácia com um curso de história, pois possuem requisitos diferentes. Nossa proposta é fazer algumas oficinas personalizadas para cada curso, de acordo com o tema. Assim, poderemos trabalhar a especificidade de cada um.

Nossa proposta é que essas oficinas durem cerca de 2 dias. Temos alguns materiais sugeridos que seriam úteis para visualização. É importante que tenhamos algo visual. Aliás, já pediram ajuda para criar uma matriz SWOT para isso. Além disso, pensamos que seria interessante reunir um grupo de docentes, mas não muito grande. Portanto, sugerimos de 10 a 15 docentes, para que possam ser divididos em grupos equivalentes aos critérios da ficha de avaliação. Seriam 3 ou até 4 grupos, caso trabalhemos com a autoavaliação, por exemplo. Também incluímos um lanche, para que todos possam se alimentar.

Nessa dinâmica, teríamos um avaliador ou uma avaliadora, uma espécie de "madrinha" ou "padrinho" avaliador, que fazem parte da avaliação CAPS e ajudam os cursos. Seria necessário fazer a leitura do relatório de avaliação, do relatório de área e da ficha de avaliação. Todos devem estar familiarizados com esses documentos, como mencionei na apresentação. É importante que todos estejam cientes dos relatórios da Diretoria de Avaliação da CAPES. São cerca de 15 relatórios, se não me engano, que abordam os produtos tecnológicos e o Qualis.

E no primeiro dia, os grupos estariam reunidos discutindo as propostas para o critério em que estão trabalhando. Também consideramos a sugestão da Cristiana de realizar uma espécie de "World café",

com uma certa rotatividade. No dia seguinte, teríamos uma dinâmica para consolidar os dados. Acreditamos que seja importante a presença do Vice-Diretor de Educação, quando aplicável, das unidades e até mesmo da própria Diretoria. Apesar da autonomia dos cursos, a unidade tem a responsabilidade de ajudar os cursos, e essa é uma ocasião em que a presença da diretoria é importante. Além disso, o avaliador ou a avaliadora madrinha/padrinho também estariam presentes, assim como um representante da CGE para a consolidação.

Eduarda Cesse (CGE/VPEIC)

Farmanguinhos vai operacionalizar a partir desse roteiro. Alguns programas podem já estar adiantados e não precisar dele. Outros podem achar o roteiro interessante, mas precisar de adaptações e contar com nossa ajuda.

Estamos dispostos a participar e apoiar, junto com membros da CGE. Podemos fazer um esforço para estar presente presencialmente ou reduzir o tempo e fazer dias remotos. Queremos movimentar isso e temos certeza de que há outras ideias além dessa proposta.

Alguns programas podem ter experiências diferentes para compartilhar. Queremos deixar claro que vocês não estão sozinhos, podem contar conosco e com quem mais queira ajudar. Estamos aqui para isso. O roteiro é apenas uma possibilidade.

Claudia Brodskyn (IGM)

A vice-presidência de Educação está fazendo um trabalho excepcional, é importantíssimo tudo o que está sendo discutido aqui. Tenho alguns pontos que considero importantes e acredito que a Juliana também pode concordar. Primeiro, em relação aos destaques na avaliação, ficamos em dúvida na última avaliação, pois os destaques acabaram se confundindo entre os cursos. Um roteiro como esse seria importante para a escolha desses destaques, que são cada vez mais levados em consideração na avaliação.

Outro ponto discutido anteriormente é a internacionalização. Precisamos discuti-la e documentá-la. A CAPES explicou que os cursos têm características próprias, sendo difícil aplicar o mesmo critério de internacionalização para todos. A importância do curso em sua região deve ser considerada, como é o caso de Rondônia e Manaus. É necessário ter critérios nas comissões avaliadoras que compreendam essas diferenças regionais, especialmente nos cursos do norte e nordeste, que são distintos dos cursos do sudeste. Tudo isso deve ser bem colocado e elaborado no relatório para mostrar à comissão.

A ideia desse roteiro é trazer um olhar externo à avaliação do curso. Mesmo tentando ajudar como avaliadora, nem sempre é possível avaliar de forma imparcial os cursos do IGM, pois conhecemos as pessoas envolvidas. Um olhar externo é importante para evitar confusões. Agradeço a oportunidade de compartilhar esses pontos.

Eduarda Cesse (CGE/VPEIC)

Existem cursos únicos na Fiocruz, como História e Farmácia em Farmanguinhos, mas há outros na área de Saúde Coletiva que são mais de um. Podemos agrupá-los por notas, por exemplo. Tenho a impressão de que vocês estão conscientes das necessidades, pois têm cursos maduros e uma

longevidade importante. Talvez não precisem tanto de nossa ajuda quanto um curso com nota 4 ou 5, que é mais recente.

No entanto, estamos disponíveis para estar próximos e apoiar. Podemos consultar o grupo para saber quem deseja nosso apoio neste semestre e nos organizar internamente para atender às demandas. Podemos usar algum instrumento para realizar essa consulta e identificar quem espera contar com nossa ajuda. Alguns cursos podem estar mais avançados e não precisar de assistência, então essa pode ser uma abordagem a ser considerada.

Rondinelli Mendes da Silva (ENSP)

Estamos sempre juntos, ajudando no ensino remoto e na avaliação emergencial. Participamos da criação do questionário e tudo mais. No entanto, ainda tenho muitas dúvidas.

Não sei, podemos ajudar e participar. Acho que é uma forma interessante. Talvez possamos convidar um pequeno grupo de professores para participar, não apenas os coordenadores. Acredito que isso também sensibilizaria alguns membros da CPG e agregaria valor ao processo, envolvendo outros coordenadores no futuro para entender esse processo de avaliação. Sempre é bom agregar valor.

Mariana Souza (Farmanguinhos)

Mariana concorda com Claudia e Juliana sobre a importância de focar no crescimento interno antes de olhar para fora. Ela destaca que é essencial entender como cada curso se desenvolveu e se inspirar nas propostas que foram colocadas no Sucupira. Os cursos podem aprender uns com os outros, acessando as informações disponíveis e aproveitando exemplos de sucesso.

Mariana enfatiza que as propostas dos cursos no Sucupira ficam disponíveis para todos. É possível ver o que outros cursos fizeram para obter notas mais altas e se inspirar. Ela ressalta que não se trata de copiar, mas de aproveitar as missões e características de cada curso, buscando referências e exemplos para melhorar.

Mariana faz um parêntese para perguntar sobre a visibilidade que os outros participantes têm dessas informações, para destacar a importância desse recurso.

Isabella Delgado (CGE/VPEIC)

Isabella concorda com a importância de envolver um grupo de docentes para sensibilizar e formar novos coordenadores. Ela destaca a concordância com Claudia sobre a questão dos destaques, ressaltando que terá um peso significativo na avaliação. Além da escolha, Isabella sugere pensar coletivamente na rastreabilidade desses destaques, ou seja, como o avaliador terá acesso e compreenderá o produto destacado. Ela menciona a política de ciência aberta da instituição e a existência de repositórios institucionais, como o ARCA dados e o Educare, como recursos que podem ser utilizados para valorizar e fornecer mais informações sobre os produtos destacados, contribuindo para uma avaliação mais qualitativa.

Isabella sugere organizar os programas por grupos de uma mesma área, incluindo programas mais antigos e consolidados, com melhores notas, juntamente com programas mais jovens. Ela enfatiza que essa abordagem permitirá que os programas mais jovens também avancem e compartilhem experiências com os mais experientes. Ela menciona áreas como saúde coletiva, ciências biológicas e medicina como exemplos de grupos em que essa estratégia poderia ser explorada. Isabella acredita que a união de esforços traz benefícios, pois são poucos fazendo muito e a troca de experiências é enriquecedora.

Isabella apresenta sugestões relacionadas ao envolvimento de docentes e à organização dos programas em grupos, visando uma avaliação mais qualitativa e a troca de experiências entre programas.

Eduarda Cesse (CGE/VPEIC)

Eduarda enfatiza que a consulta sobre interesses e o subsequente agrupamento dos programas é uma discussão de processo. Ela menciona a importância de considerar parâmetros e indicadores na autoavaliação, incluindo a avaliação dos docentes e discentes. Ela sugere a possibilidade de realizar oficinas para discutir o formato dessa consulta, otimizando recursos e buscando apoio da Vice-Presidência para programas fora do Rio de Janeiro. A proposta é reunir os programas por grupos de uma mesma área, combinando programas mais antigos e consolidados com programas mais jovens, com o objetivo de compartilhar experiências.

Eduarda responde a uma pergunta sobre a Portaria CAPES 351/2022, que regulamenta o ensino remoto. Ela menciona que não existe outro documento além desse e destaca que o ensino remoto continua sendo realizado para incluir alunos distantes e adquirir ferramentas para melhorar a experiência de ensino híbrido. Ela enfatiza que a situação da pandemia requer adaptação e que o ensino remoto proporciona inclusão de alunos de diferentes estados, sendo mais inclusivo do que voltar a parâmetros antigos.

Eduarda aborda a importância da consulta e do agrupamento de interesses, além de discutir o ensino remoto e a Portaria 351. Ela destaca a necessidade de adaptação durante a pandemia e reforça o compromisso de fortalecer a excelência da pós-graduação por meio do diálogo e da participação ativa.

Tópicos e principais encaminhamentos:

1. Foco no crescimento interno e aprendizado entre cursos:

- Importância de entender o desenvolvimento de cada curso e se inspirar nas propostas colocadas no Sucupira.
- Acesso às informações disponíveis no Sucupira para aprender com outros cursos e aproveitar exemplos de sucesso.

2. Visibilidade das informações disponíveis no Sucupira:

- Pergunta sobre a visibilidade que os outros participantes têm dessas informações.
- Destaque para a importância desse recurso como referência e exemplo para melhorar.
- Emissão de relatórios através do SIEF e integração do Sistema com a plataforma Sucupira e

3. Sensibilização e formação de novos coordenadores:

- Concordância com a importância de envolver um grupo de docentes nesse processo.
- Ênfase na necessidade de pensar coletivamente na rastreabilidade dos destaques e como o avaliador terá acesso e compreensão desses produtos destacados.

4. Utilização de recursos institucionais para valorizar produtos destacados:

- Sugestão de utilizar os repositórios institucionais, como o ARCA dados e o Educare, para fornecer mais informações e contribuir para uma avaliação mais qualitativa.

5. Organização dos programas em grupos por áreas:

- Sugestão de organizar os programas por grupos de uma mesma área, incluindo programas mais antigos e consolidados com programas mais jovens.
- Ênfase na possibilidade de troca de experiências entre programas e avanço dos programas mais jovens.

6. Consulta sobre interesses e agrupamento dos programas:

- Discussão sobre o processo de consulta e agrupamento dos programas.
- Sugestão de realizar oficinas para discutir o formato dessa consulta e buscar apoio da Vice-Presidência para programas fora do Rio de Janeiro.
- Disponibilidade da CGE para reuniões de atualização sobre a adesão ao SIEF.

7. Parâmetros e indicadores na autoavaliação:

- Ênfase na importância de considerar parâmetros e indicadores na autoavaliação, incluindo a avaliação dos docentes e discentes.

8. Ensino remoto e Portaria CAPES 351/2022:

- Discussão sobre a Portaria CAPES 351/2022, que regulamenta o ensino remoto.
- Ênfase na continuidade do ensino remoto para inclusão de alunos distantes e aquisição de ferramentas para melhorar a experiência de ensino híbrido.
- Adaptação durante a pandemia e compromisso de fortalecer a excelência da pós-graduação por meio do diálogo e participação ativa.

Principais dúvidas e sugestões levantadas pelos participantes:

1. Falta de familiaridade dos docentes com as decisões e mudanças ocorridas no processo de avaliação.
2. Necessidade de iniciar o preenchimento do relatório o mais cedo possível devido às várias etapas envolvidas.
3. Importância da troca com avaliadores externos e aprendizado com o processo de preenchimento em cada área.

4. Sugestão de formar um grupo de pessoas envolvidas no preenchimento do relatório.
5. Valorização da presença da Câmara Técnica e busca por momentos de troca.
6. Preocupação com a falta de apoio à internacionalização e sugestão de medidas para fortalecer essa área.
7. Utilização da experiência interna na equipe de preenchimento, além de contratação de avaliadores externos.
8. Interesse em conhecer e compartilhar experiências de outros programas, como o sistema de avaliação prévia da UnB.
9. Necessidade de uma forma mais integrada para coletar e consolidar dados sobre internacionalização.
10. Dificuldade na organização das informações, especialmente relacionadas ao sistema E-Lattes e migração de dados.
11. Desafios na execução do planejamento estratégico e incerteza sobre a necessidade de criar um novo relatório ou revisar o existente.
12. Importância da presença dos coordenadores nos treinamentos relacionados à plataforma de preenchimento.
13. Apresentação da nova ferramenta que auxilia na alimentação da plataforma Sucupira.
14. Lançamento previsto da nova plataforma Sucupira 2.0, com maior automatização e facilidade no preenchimento.
15. Discussão sobre a endogenia na área de formação e preocupação em relação à produção considerada endógena.
16. Questões relacionadas à composição da equipe de acompanhamento dos destaques e definição de critérios para avaliação.
17. Necessidade de apoio e orientação sobre a estruturação de uma comissão para acompanhar a autoavaliação.
20. Necessidade de definição de critérios que considerem as diferenças regionais na avaliação da internacionalização.
21. Proposta de um roteiro para escolha dos destaques na avaliação e importância de um olhar externo imparcial.

Apresentações:

- [Preparação para Avaliação Quadrienal 2021-2024 na Fiocruz](#) – Eduarda Cesse e Isabella Delgado (CGE/VPEIC)
- [Desafios para o planejamento, autoavaliação e internacionalização dos programas de pós-graduação stricto sensu da FIOCRUZ](#) – Mariana Souza (GADIE/Farmanguinhos)

LISTA DE PRESENÇA FORUM STRICTO SENSU - 15 MAIO 2023	
NOME	UNIDADE
ALAINE SANTOS DA COSTA	CGE/VPEIC
ALESSANDRA LIFSITCH VIÇOSA	FARMANGUINHOS
ALEX BICCA	CGE/VPEIC
ALINE RAMOS	FARMANGUINHOS
ANA LUCE GIRÃO	COC
ANDERSON BOANAFINA	COC
ANDRE ROQUE	IOC
ANI BEATRIZ MATSUURA	Fiocruz Amazônia-ILMD
BERNADETE SPISSO	INCQS
CARLOS	
CARMEM PENIDO	FARMANGUINHOS
CAROL	
CLAUDIA BRODSKYN	FIOCRUZ BAHIA-IGM
CRISTINA GUILAM	CGE/VPEIC
CRISTIANA BRITO	FIOCRUZ MINAS-IRR
CRISTIANI MACHADO	VPEIC
DANIELLE DOS SANTOS	CGE/VPEIC
DANIELLE MORAES	IFF
DEBORAH FRAGA	FIOCRUZ BAHIA-IGM
EDUARDA CESSI	CGE/VPEIC
EDWARD OLIVEIRA	FIOCRUZ MINAS-IRR
ELYNE ENGSTROM	ENSP
ENIRTES CAETANO	ENSP
FELIPE OLIVEIRA	
FERNANDA REBELO	IFF
FERNANDO MAIA PEIXOTO	IFF
GABRIEL MELIM FERREIRA	FIOCRUZ RONDÔNIA
GIDEON BORGES	ENSP
GISELA CARDOSO	ENSP
ISABELLA DELGADO	CGE/VPEIC
IVIA MAKSUD	IFF
JORGE MAGALHÃES	FARMANGUINHOS
JULIANA VAZ DE MELO	FIOCRUZ MINAS-IRR
JULIANA ZULIANI	FIOCRUZ RONDÔNIA
KAORI KODAMA	COC
KATIA LERNER	ICICT
KATIA MEDEIROS	FIOCRUZ PERNAMBUCO-IAM
KIZI DE ARAÚJO	ICICT
LORELAI KURY	COC
LUIZ TEIXEIRA	IFF
LUCIANA HEYMANN	COC

MARCO HORTA	IOC
MARIA DAS GRAÇAS ROJAS SOTO	FIOCRUZ PARANÁ-ICC
MARIA FONSECA	ENSP
MARIANA SOUZA	FARMANGUINHOS
MARTHA MOREIRA	IFF
MONICA VIEIRA	EPSJV
MONIQUE BRANDÃO	CGE/VPEIC
PATRICIA CUERVO	IOC
PATRICIA PARREIRAS	FIOCRUZ MINAS-IRR
PAULO HENRIQUE COSTA	INI
PAULA BEVILACQUA	FIOCRUZ MINAS-IRR
PRISCILA AQUINO	FIOCRUZ AMAZÔNIA-ILMD
RITA ESTRELA	ENSP
ROBERTA DE FREITAS	FIOCRUZ BRASÍLIA-GEREB
ROBERTO WAGNER FREITAS	FIOCRUZ CE
RODRIGO MENEZES	INI
RONDINELLI MENDES DA SILVA	ENSP
ROSANA VALENTE	CGE/VPEIC
SAMELA RIBEIRO	INCQS
SHARMÊNIA NUTO	FIOCRUZ CEARÁ
SYDIA OLIVEIRA	FIOCRUZ PERNAMBUCO-IAM
TATIANA BRASIL	FIOCRUZ PARANÁ-ICC
VANESSA DE PAULA	IOC
VANESSA F. GUIMARÃES	COC
VIVIANE DEBERGE	COC
YARA HOKERBERG	ENSP